

Dr. David Bauer, Estudo Bíblico Indutivo, Aula 17, Tiago 1:5-15

© 2024 David Bauer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 17, Tiago 1:5-15.

Agora, queremos passar para a segunda subunidade aqui na primeira unidade principal de Tiago 1, e esta é uma resposta à falta de sabedoria.

A primeira foi a resposta às provações, que é de alegria. Agora, a resposta à falta de sabedoria é a oração, a oração de pedido de sabedoria, capítulo 1, versículos 5 a 8. É claro que fizemos uma observação detalhada desta mesma passagem, mas aqui estamos fazendo uma análise detalhada de isto. Notamos que começa com a ocasião 1:5a: se alguém tem falta de sabedoria, que obviamente é a causa, portanto, essa é a causa do efeito, peça-a a Deus e peça-a a Deus com fé, sem duvidar.

Então isso leva, é claro, a essas duas exortações. Agora, notamos aqui que este parágrafo começa com a palavra-chave ou a palavra falta. O parágrafo anterior terminou com nada faltando, é lepo , não faltando nada.

E agora ele diz, mas se alguém tem falta de sabedoria, lepta , se alguém tem falta de sabedoria, peça a Deus. Isto indica que esta é a maneira de Tiago indicar que existe uma conexão entre o que ele acabou de dizer a respeito da resposta às provações, alegria, e o que ele diz agora a respeito da sabedoria. O dom da sabedoria permite enfrentar as provações com alegria, permite resistir ao teste e permite ou permite que a firmeza tenha seu trabalho perfeito.

Parece haver aqui realmente esta noção de instrumentação, precisamente porque nesta passagem a sabedoria é apresentada como um dom divino. E este dom divino colocado no contexto da exigência divina sugere que é um dom divino que permite que as exigências divinas ou que as exigências divinas sejam realizadas. A sabedoria, segundo esta passagem, é o início do processo, porque essa sabedoria é adquirida de Deus.

Não é o fim do processo. Não é o fim do processo descrito no versículo 4, porque o fim desse processo vem através da cadeia de firmeza e perfeição, enquanto a sabedoria aqui é descrita como sendo adquirida por Deus, não como resultado de um processo, mas adquirida por Deus simplesmente pedindo a Deus. Então, é o início do processo, não o fim do processo.

É uma pressuposição para este processo no versículo 4 funcionar contra o resultado final do processo. É por isso que dizemos que a sabedoria é o meio; você tem

instrumentação, que é um meio de responder apropriadamente à alegria, como é exigido aqui nos versículos 2 a 4. Agora, como eu disse, essa conexão é indicada pelo contexto aqui, mas também é indicada pelo Antigo Testamento e pelas conexões intertestamentárias. Tanto a tradição sapiencial, por exemplo, Jó, quanto a tradição apocalíptica, por exemplo, o Testamento de José ou 4 Macabeus ou o material de Qumran, deixam claro que a sabedoria é o meio, é um meio divino para cumprir as exigências divinas e especialmente os meios divinos para cumprir as exigências da perseverança.

Esta é uma noção judaica comum. Este tipo de sabedoria ajuda tanto a compreender ou conhecer o verdadeiro caráter e potencial das provações, isso é uma realidade, a compreender o verdadeiro caráter e potencial das provações, a realidade, e também a agir com base neste conhecimento, a conhecer a realidade e a agir na realidade. A percepção e atuação da realidade é a essência da sabedoria.

Agora, notamos os comentários de Peter David sobre esta passagem; ele diz que a sabedoria é uma posse que permite ao crente ver a história a partir da perspectiva divina e, eu acrescentaria, agir de acordo com essa percepção. A venerável conta colocou desta forma: Como posso ver as provações em sua verdadeira luz? Precisa de uma sabedoria superior. Agora, o ponto principal deste parágrafo, claro, é que esse tipo de sabedoria é adquirido pela oração da fé.

É adquirido pela oração a Deus e, portanto, é um dom divino, não inerente aos humanos ou mesmo aos cristãos. Não é automático na vida cristã. Não vem com o Espírito.

Aliás, em termos de implicações teológicas, isto nos lembra que nem tudo o que precisamos para realizar a vida cristã está implícito no próprio evento da conversão, que há aquisição, que há aquisição de graça que vem após a conversão, e torna a resistência e perseverança possível. Portanto, é um dom divino, não inerente aos humanos nem mesmo aos cristãos, mas é sobrenatural e transcendente. A referência a orar a Deus por esta sabedoria pode ser uma alusão a Salomão, o sábio representativo, e à história de sua aquisição de sabedoria em 1 Reis, capítulo 3. Ele orou por sabedoria.

Esta sabedoria não pode ser encontrada em ninguém além de Deus e não pode ser adquirida por nenhum outro meio que não seja a oração. É um presente divino e gracioso. Agora, é por isso que digo que esse significado só pode ser adquirido através da oração.

É um presente gracioso. Isto é realmente parte do entendimento bíblico mais amplo de que todas as necessidades fundamentais ou a satisfação de todas as necessidades fundamentais vêm somente de Deus. Agora, esta noção de sabedoria como uma

realidade divina que só pode ser obtida apelando a Deus explica esta relação com a mansidão em Tiago.

Por exemplo, em 3:13, quem é sábio e entendido entre vocês? Por sua boa vida, mostre suas obras na mansidão da sabedoria e, nesse caso, também na humildade. Portanto, deixem de lado toda imundície, crescimento e maldade e recebam com mansidão a palavra implantada que é capaz de salvar suas almas. Isto vai contra a sabedoria mundana de que, longe de ser manso, é egocêntrico e autossuficiente.

3:14, mas se vocês têm ciúme amargo e ambição egoísta em seus corações, não se vangloriem nem sejam falsos em relação à verdade. Essa sabedoria não vem do alto, mas é terrena, não espiritual e diabólica. Pois onde existir ciúme e ambição egoísta, haverá desordem e todas as práticas vis.

Esta sabedoria mundana enfatiza o sentido do nosso próprio poder, importância e potencial e está, portanto, ligada ao egoísmo e ao auto-engrandecimento. Agora, neste processo de falar sobre a aquisição de sabedoria, Tiago introduz a questão da oração eficaz, uma preocupação em outras partes deste livro, mesmo em passagens posteriores no livro que não a relacionam especificamente com a sabedoria. Mas ele está interessado em toda a questão da oração como tal, e isso é introduzido aqui de maneira geral em nossa passagem.

Isto, é claro, é desenvolvido em 4:1 a 10 e em 5:13 a 18. Aparentemente, Tiago tinha a preocupação de abordar a questão de por que as orações não são respondidas. Assim, o que ele diz de 1.5b a 8 tem aplicação à oração em geral, mas está especificamente relacionado à oração por sabedoria.

Ele começa com sabedoria aqui porque essa é a necessidade mais urgente pela qual as pessoas precisam orar. Agora, como eu digo, ele vai em frente e diz, aqui começa a primeira exortação, que é pedir a Deus com ênfase na prece, ou seja, a Deus, a direção da oração, que é divina, o aspecto divino, que ele fundamenta isso, o que ele fundamenta tanto por uma descrição do caráter de Deus, que dá generosamente e sem censura, quanto pelo resultado, será dado a ele. Então, começamos aqui observando algo sobre a oração e o caráter de Deus.

Notamos que Tiago começa com a teologia, isto é, com a doutrina de Deus. A razão pela qual alguém deveria pedir a Deus é por causa do caráter de Deus, especialmente o caráter de Deus como alguém que dá. Observe o particípio, que dá generosamente e sem censurar.

Agora, duas coisas são ditas sobre Deus aqui. Primeiro, ele dá generosamente. É assim que o RSV traduz.

A palavra é haplos . Na verdade, existem duas possibilidades para o significado desta palavra. Isso envolve uma definição preliminar, aliás, bem como o uso de palavras.

Existem duas possibilidades. Um é generoso. É assim que o RSV traduz.

Essa é a extensão da doação. Ele não é de mão fechada. A outra possibilidade para o significado desta palavra é simplesmente.

Ou seja, com simplicidade e não com complexidade. Isso é de todo o coração. A primeira tem a ver com a extensão da doação e a segunda com a atitude em relação à doação.

Isto é, em termos simples, de todo o coração, sem reservas mentais, sem hesitação, sem cálculo, sem mente dividida, desejo abrangente de dar. Na verdade, penso que aqui, a segunda definição, simplesmente, de todo o coração, sem reservas mentais, sem hesitação, com a mente indivisa e um desejo abrangente de dar, enquadra-se melhor neste contexto onde a questão não é a extensão da doação, mas o desejo de dar. dar. Mas, na verdade, é claro, ambos podem estar envolvidos e relacionados entre si, porque um desejo sincero de dar resultará em doações extravagantes.

Agora, também, diz aqui com respeito a Deus, este versículo declara que ele dá sem censurar. Com isso ele quer dizer sem resmungar ou reclamar. Um ididzo é um verbo aqui.

Sem resmungar, reclamar ou censurar. Deus não responderá ao nosso pedido de uma forma que, no mínimo grau, nos rebaixe, ou com a menor indicação de sua desaprovação. Ele não responderá às nossas perguntas de uma forma que nos humilhe, no mínimo, ou com a menor indicação de desaprovação.

O compromisso de Deus com o seu povo é total. Seu compromisso em dar é total. Não há uma partícula de reserva no desejo de Deus de dar.

Agora, isto pode contrastar com os doadores humanos, especialmente os ricos que são descritos em 1:9 a 11, e mais especialmente em 5:1 a 11, que retêm salários que pertencem propriamente àqueles que trabalham para eles. Eu poderia apenas dizer em termos de implicações, que realmente levam na direção da aplicação, que há duas coisas que penso que podemos, duas coisas entre muitas outras que poderíamos tirar desta descrição de Deus aqui e de sua atitude em relação à doação. Uma é que isto argumenta contra uma espécie de fé de trincheira, uma espécie de atitude que barganha com Deus a fim de obter de Deus aquilo de que precisamos desesperadamente.

Não precisamos barganhar com Deus. Na verdade, é uma afronta a Deus e uma expressão de profunda suspeita de falta de completa bondade da parte de Deus,

sequer pensar em negociar com Deus os dons que precisamos dele. Acho que também argumenta contra a ideia de que Deus, de alguma forma, não quer que peçamos todas as coisas que precisamos ou mesmo desejamos adequadamente.

Meu próprio pai, que já faleceu há alguns anos, mas que tinha, devo dizer, e aprecio isso nele, tinha uma atitude muito saudável em relação à soberania de Deus. Mas acho que o que ele achou errado aqui é que é impróprio, é na verdade uma afronta a Deus, ir a Deus pedindo a Deus coisas que não são absolutamente necessárias ou essenciais, coisas que nos preocupam, mas não são de nosso interesse. significado de abalar o mundo. Aqui, na verdade, a sugestão é exatamente o oposto: Deus se deleita em nós e em pedirmos a ele o que precisamos e até mesmo o que desejamos dentro de uma bússola adequada.

Agora, ele também trata aqui da oração e do caráter da oração. Então, peça com fé, diz ele, sem duvidar. Isso passa do foco no orante, Deus, para a oração.

E, claro, trata especialmente da forma de oração humana. Ele fundamenta isso, desta vez tanto em termos do caráter de quem duvida quanto do resultado; mesmo que ele fundamentasse esta exortação apelando positivamente ao caráter de Deus e ao resultado positivo, ele agora fundamenta esta exortação descrevendo negativamente o caráter do duvidoso e o resultado negativo. Não deixe que essa pessoa presuma que receberá algo do Agora, esse equilíbrio do orado com a oração e do caráter de Deus com o caráter da oração implica um modelo relacional, pessoal e sinérgico de oração contra um modelo mágico ou modelo mecânico ou ritual de oração.

Orar e receber resposta à oração não é nem Deus santo nem ser humano santo, mas envolve um relacionamento dinâmico entre os dois. A questão não é a forma de oração, mas a dinâmica interpessoal no que diz respeito à oração. O contraste, e observe aqui, diz ele, o contraste é: deixe-o pedir com fé, sem duvidar.

Novamente, você tem um contraste que particulariza. Então, deixe-o perguntar com fé, bem, o que isso significa especificamente é sem dúvida e, a propósito, escopo exclusivo, sem dúvida alguma. Isto é, não deve haver debate interno dentro da mente ou do coração da pessoa, da oração, indo e voltando no julgamento.

Este contraste indica o caráter desta fé. É não ter nenhum vestígio de dúvida. Esta dúvida aponta para uma desconfiança básica e essencial em Deus.

Esse é o significado da sigla que ouço, da dúvida aqui, uma desconfiança básica e essencial em Deus. O contexto deixa isso muito claro, especialmente a desconfiança na bondade de Deus e na Sua doação absoluta, no Seu compromisso absoluto de dar. Não é dúvida quanto ao recebimento de algo específico.

Observe que quem duvida é descrito como alguém que supõe que receberá o que pediu. É possível duvidar e presumir de Deus ao mesmo tempo. Você tem um contraste aqui entre a verdadeira fé e a suposição.

Não, esta é uma desconfiança básica na pessoa de Deus. Toda a atitude desta pessoa para com Deus está dividida. Essa pessoa não tem nenhuma fé real em Deus porque separa a confiança em receber o que é pedido da confiança em Deus.

Agora, essa pessoa é descrita como alguém que tem a mente dobre. Observe a descrição do homem de coração dobre em 4:8. Novamente, a importância de sempre interpretar as passagens à luz do contexto mais amplo do livro. Mas esta não é a única vez que *dipsuxos*, *duvidoso*, é mencionado por James.

Na verdade, ele expande isso em 4:8. Aproxime-se de Deus e Deus se aproximará de você. Limpem suas mãos, pecadores, e purifiquem seus corações, homens de mente dividida. Observe que você tem paralelismo aqui, de modo que os homens de mente dupla são paralelos aos pecadores.

Limpem suas mãos, pecadores, purifiquem seus corações, homens de mente dividida. Sejam miseráveis, chorem e chorem, diz ele aos que têm a mente dividida. Deixe seu riso se transformar em luto e sua alegria em desânimo e coisas do gênero.

Assim, a pessoa de mente dobre em 4:8 é um pecador, impuro ou corrupto de coração com mãos sujas, um inimigo de Deus. Voltando, aliás, naquele contexto para 4:4. Você não sabe que a amizade com o mundo é inimizade com Deus? Quem, portanto, quiser ser amigo do mundo do mundo torna-se inimigo de Deus. O homem de mente dividida, então, no contexto, é descrito como o inimigo de Deus, não o amigo de Deus, mas o inimigo de Deus, que tenta encontrar segurança no mundo, se você tentar ser amigo do mundo e um amigo de Deus, que tenta encontrar segurança tanto no mundo quanto em Deus, e por essa razão é descrito como indeciso e necessitado de profundo arrependimento.

Essa pessoa está totalmente fora de sintonia com Deus, que é um. Esta pessoa é duvidosa, uma guerra civil ambulante, e está fora de sintonia em termos de caráter com um Deus que é um, o que, aliás, em Tiago é um ensinamento fundamental ou uma convicção fundamental, a verdade fundamental no que diz respeito para Deus. Tiago realmente está operando, em certo sentido, todo o livro de Tiago opera com base na teologia do Shemá.

Aqui, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Deus. Tiago enfatiza que Deus é um, não apenas no sentido de que não existe outro Deus, mas que Deus é um em Si mesmo, que Ele é unificado, que Ele é completo, que Ele é inteiro e que Ele é um em propósito. Deus não tem a mente dividida, mas essa pessoa tem a mente dividida e,

portanto, está totalmente fora de sintonia com Deus e não tem nenhum relacionamento real com Deus.

A base da oração respondida é um relacionamento de fé que torna a pessoa amiga de Deus. Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça, e ele foi chamado amigo de Deus. Assim, a base da oração respondida é o relacionamento de fé que torna uma pessoa amiga de Deus e faz com que essa pessoa se relacione com Deus como Pai.

1:17. Toda boa investidura e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes, ele diz ali. Então, realmente, não existe meio-termo, no que diz respeito a Tiago, entre a fé e a não-fé.

Uma pessoa que duvida está essencialmente sem fé e é levada a se arrepender, como vimos no capítulo quatro. Agora, ele passa para o próximo parágrafo, a próxima subunidade aqui, e é sobre isso que falamos em termos de alegria e provações, para a resposta à posição humildemente explorada, orgulho e exaltação. Agora, mais uma vez, ele começa com a exortação e passa para a fundamentação.

Portanto, a exortação se encontra realmente no versículo nove: que o irmão humilde se glorie em sua exaltação e o rico em sua humilhação. E então você tem a comprovação porque, como a flor da grama, ele morrerá. E ele então segue em frente e fundamenta isso por meio de comparação com o mundo natural.

Pois o sol nasce com o calor escaldante e murcha a grama, sua flor cai e sua beleza perece, assim o homem rico desaparecerá no meio de suas atividades. Agora, notamos que o escritor começa com uma espécie de dupla exortação nos versículos nove e dez a respeito da atitude em relação à pobreza e à riqueza. E, aliás, acho que quando ele passa dos versículos nove a onze, ele está na verdade falando sobre um tipo de provação, que é uma prova de pobreza, e sobre duas tentações, dois tipos de tentações relacionadas à pobreza e à riqueza.

Existe uma tentação implícita na pobreza e também existe uma tentação implícita na riqueza. Mas ele começa aqui com uma dupla exortação a respeito de sua atitude em relação à pobreza e à riqueza. A primeira parte desta dupla exortação é a exortação ao irmão humilde.

Observe que ele se refere a ele como um irmão humilde. Essa pessoa é um irmão, um cristão. O que ele diz aqui não se aplica aos pobres em geral, mas aos pobres cristãos.

Agora, o termo pobre, aqui praus, geralmente significa baixo ou humilde. É, portanto, mais amplo e mais restrito do que pobre. Isso realmente levanta uma

questão de tradução aqui, se isso deveria ser traduzido como pobre ou, é claro, e na verdade, a RSV traduz isso como humilde e coisas do gênero.

E acho que é uma tradução absurda. O que introduz tensão aqui é que você não tem um contraste perfeito. Você tem um contraste, mas os membros não estão exatamente coordenados porque ele contrasta os humildes com os ricos.

Na verdade, o oposto de humilde não é rico, mas arrogante. E o oposto de rico não é humilde, mas pobre. Então, muito interessante que ele use aqui a palavra tapeinos em contraste com rico.

E é por isso que sugiro aqui que tapeinos é ao mesmo tempo mais amplo e mais restrito do que pobre. É mais amplo porque envolve atitude versus status. Uma pessoa pode ser humilde sem ser pobre, é claro.

Uma pessoa pode ser humilde sem ser pobre. Portanto, é mais amplo do que pobre nesse sentido. Mas também é mais restrito do que pobre porque também se pode ser pobre sem ser humilde.

Agora, está claro que os economicamente empobrecidos estão principalmente em vista aqui, uma vez que este irmão humilde é contrastado com os ricos. O uso do termo tapeinos, que aqui contrasta com os ricos, indica que existe uma ligação entre pobreza e humildade, humildade. É mais provável que uma pessoa pobre rejeite o poder e o potencial humanos e se submeta a Deus e aos outros.

E isso é importante para James. Portanto, notamos o grande valor que Tiago dá à mansidão. 1:21, recebam com mansidão a palavra implantada que é capaz de salvar suas almas.

3:13, por sua boa vida, deixe-o mostrar suas obras na mansidão de sabedoria e humildade, o que também é importante para Tiago. 4:16, a língua é um, bom, deixe-me ver aqui, 4:16, sim, em termos de humildade, mas ele dá mais graça. Portanto, diz que Deus se opõe aos orgulhosos, mas dá graça aos humildes.

E em 4:10, humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará. E aqueles que são pobres também têm maior probabilidade de ter fé, não só para rejeitar o poder e o potencial humanos e para se submeterem a Deus com mansidão e humildade, mas também têm maior probabilidade de ter fé. Mais tarde, Tiago insistirá que Deus escolheu os pobres do mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu aos que o amam.

Observe que tanto a fé em Deus quanto o amor a Deus estão ligados à pobreza. E na tradição bíblica, especialmente nos Salmos e na tradição sapiencial, muitas vezes é feita uma ligação entre pobreza e piedade, de modo que a pessoa pobre é sinônimo

de pessoa piedosa e similares. Portanto, no Antigo Testamento, não é incomum que pobre e justo sejam usados praticamente de forma intercambiável nas passagens.

E a razão é que a piedade é entendida principalmente como confiança em Deus. É isso que Tiago aborda mais adiante no capítulo 2, quando diz que Deus escolheu aqueles que são pobres neste mundo para serem ricos na fé. Essa piedade é entendida principalmente como confiança em Deus, como fé em Deus.

Encontre isso, por exemplo, no Salmo 86:1 e 2:2. E é mais provável que os pobres, humildemente, depositem a sua confiança em Deus porque não têm mais nada em que depositar a sua fé, em que encontrar segurança. Num certo sentido, a condição de pobreza empurra os pobres de volta para Deus. Eles não têm muito mais em que depositar sua fé, muito mais em que encontrar segurança, por isso são empurrados de volta à fé em Deus.

Agora, no Antigo Testamento, é claro, estava bastante claro que, embora esta ligação entre pobreza e pobreza seja feita frequentemente, não é absoluta. É possível, dada a profunda corrupção do coração humano, que pessoas que não têm muito mais em que colocar a sua fé, a sua confiança ou a sua segurança encontrem outra coisa além de Deus para o fazer. Então, não é um tipo de conexão absoluta e, a propósito, acho que é por isso que você não tem um tipo de contraste perfeito aqui.

James quer enfatizar a solidão e a humildade e relaciona a solidão e a humildade ao empobrecimento material, mas não quer fazer uma identificação absoluta entre os dois. Mas ele quer indicar a conexão entre os dois. Agora, o facto de tapeinos , em oposição a uma palavra que significa pobre como ptokos , estar aqui indica que a pobreza em si não é boa ou necessariamente redentora, mas sim a humildade e a solidão de espírito.

Esta solidão de espírito está relacionada com a pobreza, mas não é idêntica à pobreza. A pobreza tende a levar à solidão de espírito, mas não resulta necessariamente em solidão de espírito. Aliás, a esse respeito, é importante lembrar o que James dirá no segundo capítulo de seu livro, onde os relativamente pobres assumem o papel de opressores daqueles que são ainda mais pobres do que eles, onde alguém que é mais pobre do que os chegam adoradores na congregação cristã, e aqueles que são relativamente pobres maltratam e oprimem aqueles que são abjetamente pobres.

Assim, James está principalmente preocupado com a atitude de solidão, mas liga esta atitude ao estado de pobreza e vê uma ligação clara, embora não absolutamente necessária. Agora, os cristãos que se encontram numa posição inferior são chamados a agir. Esta é a exortação.

Eles devem se orgulhar de sua exaltação. Você nota o contraste implícito que temos aqui. Os humildes estão mesmo agora numa posição exaltada.

Eles devem se orgulhar de sua exaltação, e este é o tempo presente. Não o tempo futuro, mas o presente, embora seja, é claro, a exortação que tem uma espécie de orientação futura, mas não há nenhuma sugestão de que ele tenha em mente principalmente a escatologia aqui. Eles estão até agora em uma posição exaltada.

Isto aponta para a inversão radical de valores na mensagem escatológica do Novo Testamento. Aquelas coisas que o mundo considera sem importância são as coisas mais valiosas do reino e, ligadas a isso, apontam para a inversão radical da sorte no Novo Testamento que você tem no Novo Testamento como um todo. Aqueles que são pobres e rebaixados agora serão exaltados à posição mais elevada no eschaton e viverão mesmo agora à luz de uma antecipação dessa exaltação futura.

Então, você tem a noção de inversão de valores e de inversão de fortunas que é parte integrante da escatologia do Novo Testamento. Na verdade, por escatologia do Novo Testamento, quero dizer aqui a escatologia realizada, a presença do reino tal como está aqui agora. Agora, isto aponta, é claro, para os limites da era atual.

Tiago está exortando os cristãos que se encontram agora numa posição humilde a verem a vida a partir da perspectiva escatológica da inversão de valores. Esta é a escatologia atual. Deus virou os valores de cabeça para baixo.

O que o mundo, o que os seres humanos em geral vêem como valioso e honroso, é visto como inestimável e vergonhoso aos olhos de Deus, e a reversão da sorte contra uma perspectiva mundana que assume que a realidade última reside nas aparências superficiais do aqui e do mundo. agora. Este é o jeito de Deus, esse negócio de, em certo sentido, zombar da valorização humana e do senso humano de fortuna. Esta é a maneira de Deus apontar para o caráter passageiro, penúltimo e relativamente secundário da era atual.

Assim, os humildes são levados, como dizemos, a agir. Eles devem vangloriar-se ou gloriar-se na sua exaltação contra uma falsa e imediata exaltação dos ricos. Isto significa que, primeiro, eles reconhecem a exaltação verdadeira e última.

Qual é a posição exaltada aos olhos de Deus e vêem a si mesmos e a sua solidão desse ponto de vista contra uma exaltação falsa e imediata dos ricos, rejeitando a aparência superficial e o que é passageiro contra o que é real, o que dura? Mas também significa que eles se comprometem inteiramente, inclusive emocionalmente, com a verdadeira e última exaltação que experimentam agora e que será completada no eschaton, que orientam toda a sua vida em torno desta verdade da exaltação de Deus aos humildes. Agora, é claro, isso também envolve aqui, evitando especificamente a cobiça e o desejo de possuir.

Isso faz parte, estamos tentando desvendar o que significa esta exaltação. Deixar o irmão humilde se orgulhar de sua exaltação envolve especificamente evitar a cobiça e o desejo de possuir, que é sempre uma tentação por parte daqueles que se encontram sem, evitando a tentação de enriquecer, 4:1 a 10, da cobiça. Além disso, envolve, mais especificamente, suportar com alegria e firmeza as opressões e aflições inerentes a esta humildade, versículos 12 a 15.

E envolve esperar pela vindicação de Deus contra aqueles que os exploram, em vez de assumir uma atitude violenta e vingativa em relação aos seus exploradores, o que Tiago irá abordar e trazer as mudanças em 5:6 e novamente em 5:7 a 11. ... Agora, neste ponto, deixe-me apenas dizer esta noção de que eles devem exaltar-se em sua exaltação, esperando pela vindicação de Deus contra aqueles que os exploram, que os roubam, que se aproveitam de sua pobreza e de sua vulnerabilidade contra aqueles que os exploram, que os roubam, que se aproveitam de sua pobreza e de sua vulnerabilidade. assumir uma atitude violenta e vingativa para com seus exploradores, como digo, ele desenvolve isso no capítulo 5, versículos 6 e 11, envolve, é claro, um tipo de dificuldade. Pode levar à passividade e aquiescência face à opressão social.

Onde está um desejo? Onde está o apelo à justiça social face a este tipo de opressão dos pobres e dos vulneráveis? Simplesmente espere que Deus aja. Muitos discordariam, é claro, deste conselho de Tiago, dizendo que esta é uma forma de manter os pobres no seu lugar, de permitir que a injustiça continue inabalável no seu caminho no mundo. Mas aqui, no capítulo 5, a ênfase parece estar na rejeição de um tipo de resposta violenta.

Na verdade, Tiago está preocupado em abordar as questões da pobreza de maneira significativa, e acho que isso é sugerido, por um lado, no capítulo 2, versículos 14 a 17. De que adianta, meus irmãos, se um homem disser que tem fé, mas não tem obras? Sua fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiver mal vestido e carente do alimento diário, e um de vocês lhe disser: vá em paz, aqueça-se e sacie-se, sem dar-lhe o necessário para o corpo, que aproveita isso? Assim, a fé por si só, se não tiver obras, está morta. Aqui, ele indica que a verdadeira fé se expressará no cuidado dos pobres, isto é, abordando a questão das necessidades dos pobres e abordando o problema da pobreza.

A implicação, penso eu, é bastante clara de que se aborda o problema da pobreza, se expressa fé abordando o problema da pobreza, certamente, dando aos pobres, o que, claro, é o que é mencionado aqui, mas também abordando e enfrentando de frente as realidades da sociedade que produzem a pobreza em primeiro lugar. Então, no final das contas, parece-me que, se você olhar para Tiago como um todo, ele tem muito pouca paciência com um tipo de passividade diante da injustiça social que simplesmente espera que Deus aja e não faz nada nesse meio tempo. mas na

verdade um que, por fé, atue para provocar mudanças positivas e o tipo de mudança positiva que realmente aborda na sua raiz a questão da pobreza. Agora, ele vai em frente também aqui e exorta o rico, deixe o rico exaltar na sua humilhação.

Agora, a questão interpretativa aqui é se o rico aqui também é um irmão, um cristão. Ele diz aqui no versículo 9, que o irmão humilde se glorie em sua exaltação e que o rico em sua humilhação. Observe que ele não diz irmão rico, mas, por outro lado, o contraste pode sugerir que devemos fornecer o irmão.

Deixe o irmão humilde se orgulhar de sua exaltação e, como corolário disso, o irmão rico de sua humilhação. Agora, eu poderia entrar em muitos detalhes com relação a isso, mas deixe-me apenas mencionar aqui que os estudiosos da Bíblia estão cada vez mais entendendo o significado do que é chamado de ponto de vista fraseológico. Ou seja, a forma como certas palavras são usadas em um livro.

Acontece que a palavra rico, que em grego é *plutos*, a palavra rico em Tiago nunca é usada pelos cristãos. Mas quando Tiago deseja falar sobre cristãos que têm meios, ele fala sobre eles de uma forma que evita a palavra *plutos*. Então, com base nisso, eu diria que Plutão aqui nesta passagem tem a ver com os ricos não-cristãos.

Por exemplo, ele dirá em 2:6, não são os ricos que oprimem vocês? Não foram eles que o arrastaram para o tribunal? Não são eles que blasfemam o nome honorável que foi invocado sobre você? Ao longo de Tiago, Plutão rico é reservado aos opressores não-cristãos, aos opressores ricos. Quando em Tiago, no livro de Tiago, Tiago deseja descrever um cristão de meios relativos, ele evita o uso de *plutão*. Portanto, penso, como digo, que ele tem em mente os ricos não-cristãos aqui, o que, aliás, penso ser sugerido pela forma como esta pessoa é descrita no contexto imediato.

O sol nasce com o calor escaldante e murcha a grama, sua flor murcha e sua beleza perece. Assim, o homem rico desaparecerá no meio de suas atividades. É claro que existe um elemento de ironia e contraste em tudo isso.

Os ricos devem se orgulhar da humilhação. Isto é, devem reconhecer que devem orgulhar-se do facto de não terem nada de que se vangloriar. É isso que ele quer dizer quando permite que os ricos se vangloriem de sua humilhação.

Eles devem se orgulhar do fato de não terem nada do que se orgulhar. Devem orgulhar-se do fato de que, precisamente como pessoas que possuem recursos, são humilhados. Tão ricos, eles são humilhados.

Eles devem aceitar o fato de que a riqueza não é uma fonte de orgulho, mas na estrutura de valores do reino, é uma fonte não de orgulho, mas sim de humilhação, o que envolve, especificamente, que eles deveriam cessar totalmente a exploração de

os pobres. Isso faz parte do que envolve deixar o homem rico exaltar sua humildade ou sua humilhação. O conteúdo específico disto, de acordo com o contexto mais amplo do livro, é que eles deveriam cessar completamente a exploração dos pobres, 5:1 a 6, o que Tiago pode muito bem considerar ser tipicamente um corolário da riqueza, e dois, que eles deveriam cessar sua presunção em relação ao futuro, 4:13 a 17.

Agora, eu acho que em 4:13 a 17, ele está falando sobre os cristãos ricos. Nesta passagem, ele não usa a palavra plutos ou riqueza, mas mesmo assim fala sobre o perigo da riqueza aqui em termos de presumir o futuro. Venham agora, vocês que dizem, hoje ou amanhã, iremos para tal ou qual cidade e passaremos um ano lá, negociando e ganhando, enquanto vocês não sabem sobre o amanhã.

Qual é a sua vida? Pois você é uma névoa que aparece por um breve período e depois desaparece. Em vez disso, você deveria dizer: se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo. Do jeito que está, você se vangloria de sua ignorância.

Toda essa ostentação é má. Portanto, deveriam cessar a sua presunção em relação ao futuro, reconhecendo que, apesar da sua riqueza, Deus ainda é quem controla todas as facetas das suas vidas. O engano das riquezas ou riquezas é que, por terem controle sobre as coisas materiais, tendem a acreditar que têm controle sobre tudo.

Tiago quer corrigir isso e insistir que o futuro deles pertence a Deus. A terceira coisa que está envolvida, mais especificamente com base no contexto mais amplo em termos deste negócio dos ricos, dos ricos, exaltando a solidão ou a humildade, é que envolve o reconhecimento do valor que Deus atribui aos pobres e a orientação suas atitudes e ações para com os pobres em torno do favor de Deus para com os pobres. Como ele diz em 2:5, Deus escolheu aqueles que são pobres no mundo para serem ricos na fé e herdeiros do reino que ele prometeu àqueles que o amam.

Quarto, envolve dar e compartilhar sacrificialmente com os pobres, 2.14 a 17. Não simplesmente dizendo, vá em paz, seja aquecido e saciado, mas antes dê-lhes as coisas que são necessárias para o corpo. Há responsabilidade para com os pobres.

Agora, a exortação aos ricos e também aos humildes é fundamentada aqui nos versículos 10 e 11, 10b a 11. Esta passagem fala da falta de sentido da riqueza e contrasta a beleza temporária com a destruição iminente, repentina e certa. A comparação com a bela flor, quase certamente a Euprepeia, provavelmente o que conheceríamos como A menemie e Kiklamen, indica o fascínio da riqueza e da vida da riqueza e da vida dos ricos, tanto material como socialmente.

É uma coisa, ou parece ser superficialmente uma coisa bela, esta vida de riqueza, a vida dos ricos, materialmente, o que alguém experimenta e desfruta materialmente,

mas também a posição social que ela proporciona na superfície. Mas tal beleza é superficial. Não sobreviverá aos raios penetrantes do sol.

Assim, James aponta para a falta de sentido da riqueza diante da morte. Ele faz isso aqui. Ele irá desenvolvê-lo em 4:14. Qual é a sua vida? Ele dirá em 4:14. Pois você é uma névoa que aparece por um momento e depois desaparece.

Ele está realmente falando sobre a morte como um julgamento sobre os ricos. A morte serve para relativizar radicalmente o valor da riqueza. Ele compara essa questão da falta de sentido da riqueza diante da morte ao definhamento do sol, que aponta para o poder de Deus e o julgamento de Deus.

O curso do sol e seu calor são apresentados como certos e naturais. O julgamento de Deus se reflete nos processos naturais, incluindo o processo da morte. Novamente, 4:13-17. Este julgamento de Deus manifestado na própria morte aponta para o julgamento escatológico que Deus trará sobre os ricos arrogantes.

O facto de a morte ser um julgamento sobre a autimidade da riqueza na verdade antecipa o julgamento do fim dos tempos dos ricos que exploram os pobres, de acordo com 5:1-11. Então, ele diz aqui no versículo 11, assim o homem rico desaparecerá no meio de suas atividades. Mais uma vez, ele fala, ele enfatiza a rapidez do falecimento. E provavelmente aqui, é claro, como eu disse, a rapidez da morte.

Agora, isto nos leva à próxima subunidade aqui, que é uma resposta às provações. Ele volta ao modo como começou, respondendo às provações e à alegria. Agora, ele volta à resposta às provações suportadas nos versículos 12-15.

Aqui ele começa com uma bem-aventurança, mesmo, makarios . Bem-aventurado o homem que suporta provações. E novamente, a palavra aqui é peirasmon .

Aqui, ele reúne hupomeneo e peirasmon , essas duas palavras-chave nesta parte de Tiago 1. É aquele que suporta, hupomene , peirasmon , provação. Pois, diz ele, receberá uma coroa de vida que Deus prometeu àqueles que o amam.

Assim, o parágrafo começa com uma bem-aventurança, possivelmente refletindo Mateus 5.11 e 12, as bem-aventuranças ali. E particularmente, é claro, em Mateus 5.11 e 12, bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça , porque deles é o reino dos céus. Há uma indicação, há, é claro, um bom eco da tradição do evangelho, especialmente o evangelho de Mateus no livro de, na epístola de Tiago.

E, no entanto, é uma espécie de eco que sugere não tanto que Tiago conhecia o evangelho, o escritor deste livro conhecia o evangelho de Mateus, mas talvez estivesse familiarizado com as palavras de Jesus que também chegaram a Mateus.

Aqui, a palavra makarios , que no Novo Testamento normalmente se relaciona com o futuro, bem como com o contexto imediato, indica que a recompensa escatológica futura é enfatizada aqui versus a presente recompensa de resistência que foi a ênfase no capítulo 1, versículos 2 a 4. Eu também observaria a conexão desta passagem com 5.7 a 11, especialmente com o fim de Jó, que estava melhor no final de suas provações, tendo permanecido firme em suas aflições, do que no início. Aliás, basta lembrarmos o que ele diz lá em 5:11, Eis que chamamos de bem-aventurados os que foram firmes, os que foram palomino, mesma linguagem que ele usa aqui.

Vocês ouviram falar da firmeza de Jó e viram o propósito do Senhor, como o Senhor é compassivo e misericordioso. Então, novamente, esta é uma alusão a Jó, que estava melhor no final de suas provações, tendo permanecido firme durante suas aflições, do que no início. Ele tinha várias vezes mais filhos, gado e riqueza do que tinha no início.

Tudo isso aponta para a ideia realmente de recompensa transcendente. A garantia de recompensa escatológica futura descrita aqui fornece uma base para a exortação à alegria presente apresentada, é claro, no versículo 2. Agora, a palavra teste, pois quando ele passou no teste, dokimos , não aponta para o processo de testando como dokimeon . Observe a estreita conexão entre essas duas palavras, mas são duas palavras diferentes.

A palavra teste aqui é dokimos . Não aponta para o processo de teste como dokimeon fez no versículo 3, mas para um tipo de exame, no qual alguém pode ou não passar. Envolve não tanto purificação como o processo de teste nos versículos 2 e 3, mas não tanto purificação do processo de teste, mas avaliação.

Essa é a aprovação divina no final. Aqui, então, há uma ênfase na recompensa do fim dos tempos. A coroa da vida, que na verdade é, em grego, é um genitivo de aposição, a coroa que é a vida, a coroa que é a vida eterna, a vida eterna entendida como uma coroa e possivelmente como uma coroa do vencedor, a coroa da vitória.

Terminada a corrida, normalmente no mundo greco-romano, recebia-se a coroa de aipo enraizado e similares. E aqui ele pode ter em mente, como eu disse, esse tipo de coisa, embora você provavelmente tenha uma ambiguidade deliberada de linguagem, porque parte da escatologia do Novo Testamento é enfatizar que os justos que entrarão na bem-aventurança eterna no final experimentarão a bem-aventurança eterna em termos de co-regência com Cristo, reinará com ele. Aqueles que conquistarem também como recompensa pela sua conquista reinarão.

Aliás, as pessoas, os cristãos, muitas vezes cristãos piedosos, muitas vezes especulam sobre o que faremos no céu e coisas do gênero. Mas uma coisa que não é frequentemente mencionada nesses tipos de especulações piedosas é governo ou

reinado, mas essa é uma ênfase importante no Novo Testamento como um todo. Agora, esta questão de passar no teste, aquele que suporta a provação porque quando tiver passado no teste receberá a coroa da vida, implica que Deus não sabe como as pessoas responderão ou se estão aptas a entrar na bem-aventurança eterna, exceto quando realmente o fizerem. responder às provações e tentações.

Deus deve estar satisfeito quanto à sua aptidão para a recompensa eterna. Esse, aliás, é um tema importante nas Escrituras. Você sabe, quando estávamos falando sobre resumo, usamos como exemplo Juízes outro dia, e particularmente Juízes capítulo 2. Só quero lembrá-lo do que Deus é citado como dizendo lá em 2:21, de agora em diante não irei dirigir apresentarei diante deles todas as nações que Josué deixou quando morreu, para que por elas eu possa provar a Israel, se eles cuidarão de andar no caminho do Senhor como seus pais fizeram ou não.

A implicação disto é muito clara, e é que Deus realmente não sabe o que as pessoas farão até que sejam confrontadas com este tipo de teste, de modo que Deus testa para que Deus conheça realmente os seus corações. E como eu disse, você tem isso em outros lugares, incluindo, a propósito, Gênesis 22, onde Deus testou Abraão para ver como ele responderia a essa exigência de sacrificar seu filho Isaque. E você se lembra do que o anjo do Senhor, que realmente fala a palavra do Senhor, diz depois de Abraão ter tido um bom desempenho, tendo iniciado o processo de sacrificar Isaque, agora eu sei.

Agora eu sei. Agora, é claro, isso está em alguma tensão com toda a doutrina, que é certamente bíblica, da onisciência de Deus, de que Deus conhece todas as coisas. E, na verdade, há uma série de passagens nas Escrituras que falam sobre Deus olhando para o coração e Deus conhecendo o coração e coisas assim.

Mas acho que o que temos aqui em termos de antropologia bíblica é na verdade a noção da complexidade dinâmica da personalidade humana que realmente reflete a personalidade de Deus, e é que existe uma espécie de acaso, uma espécie de mistério, um mistério profundo. que pertence à personalidade como tal, que Deus criou uma personalidade humana de tal maneira que o próprio Deus não conhece verdadeiramente o que é plenamente o que está nas profundezas da personalidade humana, isto é, a personalidade de um ser humano, exceto como essa pessoa é posto à prova e as profundezas do coração dessa pessoa são trazidas à tona no cadinho do teste. A maneira técnica e filosófica de colocar isso é que Deus pode não possuir conhecimento mental, por assim dizer. Isto é, Deus sabe o que as pessoas farão, mas não sabe o que as pessoas farão.

Ele realmente não sabe o que faríamos se fôssemos confrontados com uma situação que nunca seremos confrontados. Embora em Sua presciência, Ele sabe o que faremos, apenas quando formos testados, quando formos testados e assim por diante. Eu realmente não acho que isso aponte para qualquer diminuição da

soberania de Deus ou da onisciência de Deus, mas o que isso aponta é o decreto de Deus, a vontade de Deus de criar seres humanos que sejam verdadeiramente pessoas e reflitam o caráter pessoal do próprio Deus.

E uma das características, um dos aspectos da personalidade é um tipo de complexidade profundamente arraigada, de modo que o caráter da própria profundidade de uma pessoa não pode ser totalmente conhecido nem mesmo por Deus. Deus propôs isso. Ele nos fez assim.

Não pode ser conhecido nem mesmo por Deus, exceto quando somos testados. E então você tem a importância do teste. Deus precisa ter certeza de que estamos preparados nas profundezas do nosso ser para a recompensa eterna.

E a prova é um caminho, essa prova é uma forma pela qual Ele se satisfaz nesse aspecto. Bem-aventurado o homem que suporta a provação, pois quando tiver resistido à prova, quando tiver passado na prova, receberá a coroa da vida que Deus prometeu àqueles que o amam. Agora, o que chamamos de crux interpretum, a questão interpretativa crucial aqui de toda esta primeira parte do segmento, envolve a ambiguidade do perismus apeiartos, de prova, de prova ou prova por um lado e tentador por outro.

Esta palavra perismo apeiartos pode ser traduzido como provação ou teste, como, digamos, aflições externas ou tentação, a atração para o pecado. Agora, uma série de possibilidades interpretativas foram apresentadas aqui, mas provavelmente, pelo menos na minha opinião, o escritor está brincando com a ambiguidade da própria palavra. E no processo, James faz duas coisas.

Primeiro, ele emprega a palavra em dois sentidos distintos, provações e tentação, provações por um lado, tentação por outro, isto é, atração ao pecado. Mas, em segundo lugar, ele usa a ambigüidade contida na própria palavra para apontar a conexão entre as provações, por um lado, e a tentação, por outro. Ora, James tem argumentado o tempo todo que a experiência das provações é moralmente significativa e, nesse caso, moralmente determinante.

Há um mandamento associado às provações: suportar as provações, enfrentá-las com alegria e fazer uso delas de forma positiva, em vez de cair por causa das provações. Assim, a experiência das provações traz consigo a possibilidade de pecar. Além disso, sempre há nas provações a tentação de pecar, ou, melhor, sempre há nas provações a ocasião para a tentação.

Há ocasiões para tentação nas provações. Sempre há nas provações uma tentação para pecar, não para suportar, mas sim para desobedecer à ordem de Deus. Então, o versículo 13 continua, ninguém diga quando for tentado.

Observe o julgamento, peirasmus . Ora, que ninguém diga quando for tentado, apeiratos , usando a mesma palavra num sentido diferente, mas ligando as duas. Ninguém diga, quando for tentado: Sou tentado por Deus.

Esta, claro, é a exortação. Que ninguém diga, quando foi tentado, sou tentado por Deus, porque ele diz, a título de comprovação, Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo não tenta ninguém. Isso é o que Deus não faz.

É daí que a tentação não vem, mas depois ele vai em frente e fala sobre de onde vem a tentação. Mas cada pessoa é tentada quando é atraída e seduzida pelo seu próprio desejo. Então o desejo, quando é concebido, dá origem ao pecado e o pecado, quando está plenamente desenvolvido, gera a morte.

As provações, em outras palavras, podem vir de Deus e os testes podem vir de Deus. Isso é o que o Antigo Testamento afirma. É o que afirma Gênesis 22, 1, passagem que Tiago manifestamente conhece.

Deus testou os apeiratos , Deus testou Abraão. As provações podem vir de Deus, os testes podem vir de Deus, mas a tentação, que é a atração para o pecado, Deus não faz. Ele não tem participação no assunto.

Não se pode culpar a Deus por essa inclinação, que, claro, é uma ameaça real e última ao passar por provações. O ponto principal é que Deus não deve de forma alguma ser culpado pela tentação. A responsabilidade pelo pecado e até mesmo pela tentação de pecar é colocada diretamente sobre os ombros da pessoa.

Agora, Tiago dá duas razões, uma fundamentação de por que Deus não pode ser a fonte da tentação. Negativamente, diz ele, Deus não é tentado ao mal. Este é o versículo 13b.

Deus é insensível ao mal. Provavelmente, no contexto, a questão é esta: atrair alguém ao pecado, isto é, tentar alguém a fazer o que é errado, seria um ato maligno. E longe de realmente cometer o mal, Deus não pode sequer ser tentado a fazer o mal.

Em outras palavras, Deus nem sequer é tentado a nos tentar. A conclusão, então, é que Deus não tenta ninguém. Se Deus não pode sequer ser tentado a nos tentar, então o argumento é do menor para o maior, argumentum auctorioris ; Deus certamente não nos tenta.

Mas positivamente, Ele fundamenta isso falando sobre de onde vem a tentação. Aqui, Tiago se refere à teologia judaica. É aqui que o contexto histórico é realmente essencial, porque ele se refere aqui à teologia judaica, especialmente à teologia intertestamentária e judaica do primeiro século.

Claro, Tiago é um livro judaico-cristão. Ele se refere à teologia judaica, que se refletiu no Novo Testamento, mas que atingiu plena expressão no período intertestamentário. E é aqui que ele traz a noção de desejo.

Mas cada pessoa é tentada quando é atraída e seduzida pelo seu próprio desejo. Então a tentação vem do nosso próprio desejo, sendo atraído e seduzido pelo desejo. Agora, a ideia de desejo, que em hebraico é yetzer, a noção de desejo, ou yetzer hara, desejo maligno, como ele está desenhando, como era proeminente na teologia judaica, e ele está se baseando nisso.

Agora, eu observaria aqui que o desejo, epithumia, em nossa passagem está no por desejo. Ele está falando sobre ser atraído por esse Yetzer, esse desejo, ou Yetzer hara, esse desejo maligno. Agora, esta noção de yetzer significava desejo neutro e indiferenciado.

Em si, não era bom nem ruim. Desejo indiferenciado e neutro, que, embora não controlado, ultrapassaria os limites e levaria ao pecado. Essa é a boa e velha teologia judaica.

Este desejo em si não é necessariamente mau, mas é endêmico à vida humana e necessário à vida humana. É isso que realmente dá impulso ou impulso à vida. Mas se não for controlado por alguma outra força, no Judaísmo, geralmente a Torá, a lei ou o bom impulso, levará ao pecado flagrante.

Agora, isso significa que o pecado encontra sua fonte dentro das próprias pessoas, esse desejo desenfreado. Tiago enfatiza que a responsabilidade pela tentação e pelo pecado pertence às próprias pessoas. E conseqüentemente, ele nem sequer menciona o diabo aqui.

Agora, ele está ciente do papel do diabo no pecado, como deixará claro em 3:6, a língua é um membro injusto, o mundo entre os nossos membros, manchando todo o corpo, incendiando o ciclo da natureza, e incendiado pelo inferno, o que é quase certamente uma metonímia, metonímia do diabo. Mas ele deixará isso ainda mais explicitamente claro em 3:15: essa sabedoria não vem do alto, mas é terrena, não espiritual, diabólica. E em 4:7, ainda mais claramente, submetam-se, portanto, a Deus, resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês.

Assim, Tiago inclui em sua teologia do mal o poder transcendente do diabo, mas ele não quer introduzir o diabo aqui. Ele quer colocar a culpa e a responsabilidade pelo pecado e pela tentação do pecado totalmente sobre os ombros da pessoa. O pecado encontra sua fonte nas próprias pessoas.

Agora, notamos aqui que Tiago se envolve em uma cadeia. Observe como ele, aqui no final desta primeira unidade em Tiago 1, ele fala sobre a descrição de uma cadeia que é realmente a antítese da cadeia que ele descreveu no versículo 4. A cadeia ali no versículo 4 é, vamos a firmeza tenha seu pleno efeito, bem, na verdade 3 e 4, você sabe que o teste de sua fé produz firmeza, e deixe a firmeza ter seu pleno efeito, para que você possa ser perfeito e completo, sem falta de nada. Mas observe a cadeia bastante diferente que temos aqui.

Cada pessoa é tentada quando é atraída e seduzida pelo seu próprio desejo; então, o desejo, quando concebido, dá à luz o pecado, e o pecado, quando adulto, gera a morte. Novamente, você tem um processo; você tem cadeia, cadeia causal, mas aqui é negativa, a contrapartida da cadeia positiva que vimos no versículo 4. Agora, vamos completar isso. O primeiro elo desta cadeia começa com a tentação.

A tentação, diz ele, envolve ser atraído por esse desejo, ser atraído por esse desejo. A palavra aqui é *exokaminos*. Agora, essa palavra, vamos traduzir, atraído, é mesmo uma imagem da pesca.

É a imagem de um peixe sendo tirado da água por uma linha, fígado e puxado. A ênfase aqui, então, está na falta de controle. Neste caso, cede-se ou submete-se a esse desejo.

A pessoa perde o controle desse desejo, permitindo-se ser arrastada por ele. Agora, a tentação envolve também também ser seduzido, ser atraído e seduzido. A palavra aqui é *deliazō*.

Na verdade, isso vem do reino da caça. É a imagem de um animal atraído por uma isca para uma armadilha. A ênfase aqui está no prazer imediato, na verdade, na noção de ficar hipnotizado por esse desejo, de ficar hipnotizado sem nenhuma consciência ou preocupação com as consequências finais.

É a imagem de quem fica deslumbrado com o fascínio do objeto de seu desejo. Isto implica o grande apelo e poder da tentação, sem consciência ou apreciação das consequências. Isso nos cega para as consequências.

Agora, isso realmente leva ao segundo elo aqui, onde ele diz, além disso, cada pessoa é tentada quando é atraída, seduzida por seu próprio desejo, e depois deseja quando concebeu. Aqui, Tiago muda a imagem de pescadora e caça para sedutora e para prostituta, possivelmente extraída de Provérbios 1 a 9, especialmente capítulos 5 e 8, e 9, onde a sabedoria é apresentada como uma mulher nobre, enquanto a loucura é apresentada como uma prostituta, uma prostituta, que atrai jovens ingênuos para seus aposentos, onde ela traz a morte sobre eles. A imagem realmente é a de fazer sexo com uma prostituta que na verdade tem um filho por esse desejo.

Tiago apresenta um desejo que está fora de controle como uma prostituta, ou pelo menos como uma mulher devassa e devassa que dá à luz um filho ilegítimo, o filho do pecado. Isso leva ao terceiro link. E o pecado, quando atinge a maturidade, produz a morte.

Mas aqui neste terceiro link, Tiago enfatiza que o pecado não é o fim. Para esta criança, o pecado, que aqui é descrito como criança, cresce. Você tem desenvolvimento completo ou total do pecado, apotaleo .

Toda a feiúra e destruição que está implícita nele no nascimento chega ao pleno desenvolvimento e fruição. E nesse ponto, ele próprio dá à luz o seu próprio filho, a morte, o apocoel . E o pecado, quando atinge a maturidade, produz a morte.

Apokoel , aliás, muitas vezes apontava para um nascimento hediondo, seja socialmente, isto é, um filho ilegítimo, ou naturalmente, isto é, o nascimento de uma aberração ou de um monstro. Então, novamente, você tem Tiago começando esta unidade principal aqui em Tiago 1 com uma cadeia, uma cadeia positiva, versículo 4, provação, perseverança, vida, mas termina com uma cadeia bastante contrastante, desejo, pecado, morte. A questão é clara.

Todas as pessoas estão envolvidas em um processo. A questão é em que tipo de processo, em que tipo de cadeia você está? A cadeia do versículo 3 e 4, ou a cadeia do versículo 15? Ok, vamos fazer uma pausa aqui e voltar ao resto de Tiago 1 no próximo segmento.

Este é o Dr. David Bower em seu ensinamento sobre Estudo Bíblico Indutivo. Esta é a sessão 17, Tiago 1:5-15.